

BETH KERY

**Quando estou
com você**

Tradução
FLÁVIA YACUBIAN

**pa
ra
si
a**

Copyright © 2012 by Beth Kery

Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio.

Esta edição foi publicada em acordo com The Berkley Publishing Group, membro do Penguin Group (USA) Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL When I'm With You

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

IMAGEM DE CAPA scyther5/ Shutterstock.com

PREPARAÇÃO Lília Zambon

REVISÃO Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kery, Beth

Quando estou com você / Beth Kery ; tradução Flávia Yacubian. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

Título original: When I'm With You
ISBN 978-85-65530-50-7

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana. I. Título.

13-13916

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

PARTE 1

QUANDO NOS TOCAMOS

1

Passava da meia-noite quando Lucien abriu a porta dos fundos de seu restaurante e no mesmo instante entrou em estado de alerta, apressando os movimentos. Ao longe, ouviu o som de uma voz masculina grave. Um intruso tinha violado o sistema de segurança do restaurante. Embora o Fusion ficasse sempre cheio devido ao chique jantar que serviam até tarde e ao pessoal do pós-balada, ele ficava fechado aos domingos e às segundas. Com certeza, não deveria haver ninguém lá dentro naquele momento. Silenciosamente, fechou a porta dos fundos, apertando o taco de polo que trazia em mãos. Sua ideia era substituir este, que estava rachado, por um outro, intacto, de seu depósito no Fusion. Mas, naquele momento, tinha outros planos para o objeto.

Na maior parte do tempo, Lucien mantinha a postura levemente bem-humorada e cínica de um experiente libertino que vira de tudo na vida. Um homem sem família, sem país, sem credo, com apenas algumas posses terrenas às quais tinha direito, e que, na verdade, eram muitas. Mas pelo que afirmava *de fato* ser seu, ele lutava. Sempre. Apenas não tinha percebido até então que o restaurante que comprara recentemente tinha se tornado tão importante, a ponto de estar preparado para lutar por ele.

Percorreu vagarosamente o corredor na penumbra, seguindo o brilho da luz que iluminava uma porta parcialmente fechada e levava à grande área do bar. Ele virou a cabeça, com a audição aguçada para

ouvir o menor barulho. Um calafrio percorreu sua espinha diante do som de uma risada feminina. Um riso grave de homem entrelaçou-se àquele primeiro som — áspero e íntimo. Escutou o som distinto de taças tilintando, como um brinde.

Lucien aproximou-se da porta e inclinou a cabeça pela fresta.

“Por que você faz esses joguinhos comigo?”, ele ouviu o homem perguntar.

“Joguinhos?”

A pulsação crescente de Lucien pareceu hesitar por um momento frente à voz da mulher. Estranho. Ela era do mesmo país em que ele nascera. Seu tom era divertido, melodioso e leve, o sotaque francês entremeado com um toque britânico. Talvez tivesse reconhecido a pronúncia por ser muito similar à sua.

“Você *está* me provocando”, disse o homem roucamente. “A noite toda. Não apenas a mim. Não houve um homem naquele restaurante hoje que não tenha ficado enfeitado por você.”

“Na verdade, estou sendo bem cautelosa. Afinal, vamos trabalhar juntos”, respondeu a mulher, o tom subitamente mais rápido, frio. Lucien teve a impressão de que ela dava o sinal vermelho.

“Quero mais do que apenas trabalhar com você. Quero ajudar. Quero você em minha casa... minha cama”, disse o homem, ignorando os avisos femininos. Em um segundo, Lucien mudou seu estado de espírito de alerta para irritado ao reconhecer o homem que falava. Não tinha interrompido um roubo em sua propriedade.

Tinha flagrado uma sedução.

Enojado, abriu a porta e entrou no restaurante pouco iluminado e polido. O casal estava sentado perto do bar de mogno envernizado, de frente um para o outro, as mãos em torno de copos de cristal para *brandy*. Notou que a mulher se afastava levemente do homem, como se repelida pela insinuação. À distância, registrou que ela usava um vestido de noite azul e prata que colava aos seios cheios e firmes e às curvas tesas. Possuía um decote nas costas, que revelava um relance da pele branca, perfeita, reluzindo sob a iluminação suave. A visão da mão de Mario Vincente sobre aquele pedaço de pele nua inexplicavelmente transformou a irritação de Lucien em raiva. O extremamente

talentoso chef, que Lucien contratara de um restaurante cinco estrelas de Las Vegas, tinha um quê de celebridade. Ele só percebeu Lucien a poucos metros. Quando o viu, seus olhos castanhos arregalaram-se.

“Lucien!” O copo cheio de *brandy* tombou da mão de Mario. O olhar de Lucien seguiu rapidamente para a peculiar garrafa sobre o balcão — Cognac Dudognon Héritage, um item da adega privativa de Lucien que ficava no escritório. Ele jogou o taco de polo sobre o bar de mogno, o som ecoou no ar como uma repreensão.

“Não sabia que tinha lhe dado o código de segurança do Fusion. Ou permissão para acessar meu escritório e meu bar particular. Explique-se, Mario”, disse Lucien, o tom frio, porém, neutro, pois já tinha entendido a natureza da intrusão em sua propriedade. Sim, estava irritado pela infração de Mario e queria deixar isso claro para seu funcionário. Apenas não sabia ainda se o demitiria. Nunca fora com a cara de Mario, mas chefs assim, talentosos, eram raros, afinal.

“Eu... eu não esperava vê-lo”, Mario gaguejou.

“Obviamente.”

Lucien notou o braço nu e flexível da mulher cair; o licor em seu copo acomodando-se no vidro curvo. Pela primeira vez, inspecionava o rosto da outra ocupante da sala. Teve de olhar duas vezes para acreditar.

“Merde.”

“Lucien.”

“O que está fazendo aqui, Elise?”

Certamente, ele estava vendo coisas — um rosto do passado... um rosto lindo, mas que definitivamente seria melhor não reaparecer a essa altura de sua vida. O que diabos Elise Martin estava fazendo em seu restaurante em Chicago, a milhares de quilômetros do país de origem deles, a léguas do passado dourado que tinham em comum? Seria isso algum tipo de piada cósmica?

“Posso perguntar o mesmo de você”, Elise retrucou rapidamente, os olhos azul-escuros faiscando. A compreensão fez sua expressão ficar séria. “Lucien... *você* é Lucien *Lenault*. *Você* é o dono deste lugar?”

“*Quê?* Vocês dois se conhecem?”, perguntou Mario.

Lucien olhou para Elise repreendendo-a. Os lábios sedutores dela

se fecharam, e ela devolveu o olhar desafiando-o. Ela tinha entendido o aviso de silêncio a respeito da ligação deles, claro, mas isso não lhe dava nenhuma garantia. Conhecendo Elise, ela ainda não tinha decidido se ficaria quieta ou não. Um espasmo de ansiedade atravessou-o. Ele precisava tirá-la do Fusion a qualquer custo... tirá-la de sua vida ali em Chicago. Elise Martin provocava o caos em qualquer lugar que seu pezinho elegante e manicurado pisava. Mais especificamente, seria capaz de destruir tudo que ele tinha conseguido em sua missão a respeito do empreendedor bilionário Ian Noble.

“Sinto... sinto muito. Certamente um copo não fará mal”, disse Mario ainda gaguejando. Lucien tirou os olhos do rosto de Elise. “Sei que é de sua adegas pessoal, mas...”

“Está despedido”, Lucien interrompeu sucintamente.

Mario piscou sem entender. Lucien começou a ir embora.

“Lucien, você não pode fazer isso!”, exclamou Elise.

Ele virou-se rapidamente ao ouvir o som da voz dela. Por um segundo, apenas a fitou.

“Faz quanto tempo?”, ele perguntou em voz baixa para ela, só para ela. Viu uma estranha mistura de emoções cruzarem seu belo rosto: desconforto, confusão... raiva.

“Quase dois anos desde aquela noite no Renygat”, ela disse, referindo-se ao bem-sucedido e badalado restaurante dele em Paris. Ele tinha que lhe parabenizar. Apesar do tumulto de emoções que passaram pelo seu rosto, quando respondeu, tinha voltado a ser a fria aristocrata. Maldita. Qualquer homem que tentasse decodificar o enigma de Elise estava amaldiçoado a uma vida inteira de obsessão. Quem *era* ela? Uma menina má, uma herdeira incontrolável ou um raio de sol luminoso, dourado e ilusório que atraía e provocava?

“Lucien, não seja precipitado”, disse Elise suavemente, com um sorriso de bruxa formando-se em seus lábios, que provavelmente poderia convencer um homem a cometer um assassinato. “Seria tolice demitir o Mario por causa de como se sente em relação a mim.”

“Não estou despedindo ele por conta de como me sinto em relação a você”, ele afirmou. A visão da mão de Mario sobre a pele branca dela surgiu em sua mente. *Mentiroso*. Forçosamente, ignorou a voz

dentro de sua cabeça. “Estou despedindo meu chef, pois ele, sem autorização, obteve o código de segurança do restaurante, invadiu minha propriedade privada e roubou de meu estoque pessoal.”

Desde quando se viram pela última vez, dois anos antes, ela tinha cortado seus longos e gloriosos cabelos loiros. Usava-os curtos agora, com as ondas brilhantes penteadas atrás das orelhas. Ele poderia ter pensado que o corte daqueles cachos e anéis simbolizavam a domesticação do infame espírito selvagem de Elise, mas estaria errado. A rebelião de Elise vinha de seus olhos. A raiva endureceu sua expressão. Deve ter esquecido que seu charme costumeiro não funcionava com Lucien.

“Não pode demitir o Mario”, declarou, todos os seus traços de engodo sedutor tinham sido substituídos por teimosia irritada. Lucien impediu-se de sorrir frente àquela alteração abrupta.

“Posso fazer o que bem entender. Este lugar é meu.”

Viu uma conhecida expressão desafiadora retesar a expressão dela, a mesma de quando tinha catorze anos e ele lhe dissera que o cavalo dos estábulos de seu pai era perigoso e forte demais para ela controlá-lo — uma expressão da qual gostava muito, apesar de tudo.

“Mas...”

“Sem mas”, disse Lucien, forçando a voz a voltar ao volume e ritmo calmos de costume. Ele *não* permitiria que a presença de Elise o desequilibrasse. Ela tinha o hábito de fazer exatamente isto: transformar a geralmente séria sociedade europeia em um redemoinho de escândalos com suas atitudes absurdas... fazer um homem pirar com sua beleza inigualável e com a tentação de domesticá-la. Lembrava-se bem demais de quando quase sucumbiu ao canto da sereia, naquele último encontro no Renygat. Recordava-se de Elise olhando para ele conforme desabotoava suas calças, as pontas de seus dedos roçando contra um pinto fervendo com luxúria quente e crua; os lábios vermelhos e inchados pela recente possessão raivosa de sua boca; os olhos brilhando como safiras em fogo; o sabor dela permanecendo em sua boca, viciante e doce.

Você quer esquecer seu passado, Lucien? Vai ser tão gostoso que você vai esquecer tudo que aconteceu com seu pai. Prometo.

Seu corpo ficou rijo com a lembrança. Ele tinha acreditado nela.

Se alguém seria capaz de fazê-lo esquecer por um instante glorioso e transcendental, esse alguém seria Elise. Havia lhe custado muito se livrar dela naquela noite, mas ele tinha conseguido. Ela manipulava com a mesma facilidade que tinha para respirar. Sabia precisamente como colocar o mais desafiador inimigo em seu bolso e fazê-lo implorar como um cachorro faminto.

E para piorar, depois daquela noite no Renygat, Elise ficou sabendo demais.

Ainda sabia, droga.

Havia uma única maneira de convidá-la para sua vida, e ele sabia que Elise nunca aceitaria jogar sob suas regras. Não Elise Martin.

Ou aceitaria?, uma vozinha em sua mente provocava.

“Quero que os dois sumam daqui. Estão com sorte por eu não chamar a polícia”, declarou Lucien, virando-se outra vez. Parou quando notou, pelo canto do olho, Mario vindo agitado na sua direção. Aparentemente, o chef tinha recomposto parte de sua típica arrogância nos segundos que se passaram.

“Não seja bobo. Você vai abrir o Fusion amanhã. Precisa de mim. Onde vai arranjar um chef?”

“Eu me viro. Estou neste negócio há tempo suficiente para saber como lidar com empregados que roubam.”

“Está me chamando de ladrão? De *empregado*?” Obviamente, Mario não sabia o que era pior: ser chamado de criminoso ou de assalariado. Sua pele cor de oliva ficou pálida.

Lucien pausou, avaliando, absorvendo o olhar envidraçado de Mario. Aparentemente, Mario já tinha bebido sua cota antes de chamar Elise ali para encher a cara dela com o *brandy* de Lucien. Ele planejava fazer amor com ela no sofá de couro de seu escritório pessoal também? O pensamento lhe ferveu de raiva. Supunha que Mario poderia ser atraente o suficiente para algumas mulheres, mas já era quarentão, velho demais para seduzir Elise. Não importava o fato de que Elise provavelmente já tinha tido quatro vezes mais amantes do que ele, Mario ainda era um papa-anjo no cio, na opinião de Lucien.

“Ainda não chamei você de ladrão, mas é exatamente o que é. Além de outras coisas.”

“Você *não pode* demiti-lo!” Elise de repente surtou. Lucien fitou-a de lado, surpreso pelo pânico na voz dela, mas não queria tirar os olhos de Mario, que já cerrava os punhos. Por que ela estava tão desesperada por Mario? Tinha tido a impressão de que não gostara do flerte do chef.

“Fique fora disso. Não é da sua conta”, Lucien murmurou.

“É da minha conta. Se demitir o Mario, o que eu vou fazer?”, exclamou Elise, pousando o copo sobre o bar.

“Do que você está falando?”, quis saber Lucien, mas Mario não estava interessado naquela discussão tensa e particular.

“Você sempre foi um francês maldito e convencido, achando que poderia ser meu chefe”, Mario falou alto. Ele agarrou Elise pelo braço com força. “Bem, você não pode me mandar embora porque eu me demito! Venha, Elise. Vamos sair do covil deste demônio.”

Elise manteve-se firme e puxou o braço. “Ninguém me diz o que fazer”, ela exclamou. Lucien apertou o antebraço do homem. Com força. Mario ganiu de dor.

“Solte-a”, ordenou Lucien. Viu o relampejo de agressão na expressão de Mario e resistiu ao impulso de revirar os olhos de irritação. Ele não estava a fim daquilo àquela noite. “Tem *certeza* de que quer começar isso?”, ele perguntou moderadamente. “Acha que é prudente?”

“*Não* faça isso, Mario”, Elise avisou.

Por um segundo, Mario hesitou, mas o álcool em suas veias deve ter rugido — sem contar a explosão de testosterona provocada por Elise — aumentando sua bravata vaidosa. Soltou Elise e arremeteu com o punho no ar. Lucien bloqueou o soco de Mario e afundou o punho logo abaixo de suas costelas.

Um, dois, pronto. *Fácil demais*, Lucien pensou amargamente quando o ar saiu dos pulmões de Mario com um som sibilante, seguido de um gemido gutural de dor.

Lucien lançou um olhar de “é tudo culpa sua” para Elise e depois colocou as mãos sobre os ombros do encurvado Mario. Pegou o paletó dele de sobre a banquetta do bar e, pelo colarinho, guiou o homem sem fôlego e gemendo até a porta da frente.

Quando voltou, alguns minutos depois, sozinho, Elise ainda es-

tava ao lado do bar, o queixo empinado, sua postura tão ereta e orgulhosa como a de seus antepassados aristocráticos, o olhar cauteloso sobre ele. Andou na direção dela, incerto se queria enfiá-la em um táxi como fizera com Mario, dar-lhe um chacoalhão pela estupidez, ou colocá-la de joelhos e punir sua bunda pela infração de espionar seu mundo pessoal.

“O que você fez com ele?”, ela perguntou, trêmula, quando Lucien caminhava em sua direção, o olhar feroz e cinza provocando um tremor interno, embora ela não deixasse transparecer. Sabia a potencial ameaça que Lucien Sauvage era. Poderia se livrar com as mãos amarradas de um bêbado como Mario. Elise conhecia seu porte atlético, sem contar os anos de experiência em manter a paz e a ordem em seus famosos restaurantes e hotéis luxuosos ao redor do mundo. Muitas organizações criminosas tinham falhado ao tentar fincar o pé em seus estabelecimentos, graças à combinação da inteligência afiada e da força bruta de Lucien.

“Coloquei num táxi. E você, o que fez com ele?”, perguntou, o olhar pousando sobre ela.

Os mamilos dela se endureceram sob o olhar que era ao mesmo tempo fogo e gelo. Enrijeceu as costas; a garganta congelou. A verdade ainda martelava dentro de seu crânio: *Lucien Sauvage é o dono do Fusion*. Inconscientemente, pusera seu futuro nas mãos do homem que a rejeitara.

E ninguém a rejeitava.

Bem, *quase* ninguém, pelo menos quando queria o contrário. E ela definitivamente queria “o contrário” com Lucien. *Que sorte a minha*. De todos os restaurantes e bares de gim do mundo, ela tinha entrado justo naquele, pensou com certo divertimento em meio ao pânico.

“Você vai fazer a única coisa que pode comigo”, ela respondeu, a voz fria o suficiente para alguém que estava no maior jogo de pôquer da vida com uma mão de merda. Era uma marca do passado em comum — da amizade do passado — conversar em inglês. As mães de ambos eram inglesas, e os pais, franceses. Tinham isso em comum,

uma pequena intimidade que foi significativa para a garota de catorze anos que ansiava pela sensação de intimidade com um jovem rapaz lindo que parecia eternamente inatingível. “Vai me deixar substituir o chef do Fusion, agora que fez esse rolo com o Mario.”

Ele piscou sem entender e ficou inexpressivo. “Do que você está falando? Está bêbada?”

A raiva subiu ao peito dela. “Tomei apenas uma taça de vinho”, ela respondeu honestamente. Ela notou sarcasmo no olhar dele sobre o copo de *brandy* no bar. “Mario me entregou; eu peguei. Lucien, o que você está fazendo aqui?”, ela perguntou outra vez, a curiosidade sobrepujando a preocupação sobre seu futuro. “Você desapareceu de Paris há mais de um ano. Nenhum de seus empregados de lá diz para onde você foi. Minha mãe falou com a sua recentemente. Até a Sophia não sabe onde você está. Ela está morrendo de preocupação.”

“Certo”, ele disse sarcasticamente. “Minha mãe está *morrendo* de tristeza com a possibilidade de eu não relar a mão no dinheiro que ela quer todinho para ela desde que meu pai foi preso.”

Elise piscou. Ele tinha um ponto. Ela *ouvira* falar que ele vinha sendo estranhamente teimoso e elusivo sobre aceitar a fortuna de seu pai.

“Se contar pra alguém que me viu aqui, Elise, vou fazer você pagar por isso.”

Calmo. Sucinto. Completamente plausível.

O coração dela acelerou. Ele estava parado a poucos metros. Precisava esticar levemente o pescoço para trás para ver o rosto dele. Torcia para que ele não notasse a veia pulsando em seu pescoço. Ele lhe pareceu ainda maior do que ela lembrava — alto, magro, teso e totalmente formidável. Tinha cortado o cabelo escuro desde a última vez, usando um estilo curto e despojado muito sexy, que enfatizava a masculinidade, as feições esculturais e uma graça masculina espontânea. Sempre desejou passar os dedos por aquele cabelo macio e grosso... encher suas mãos lascivamente com ele. Também deixara crescer um cavanhaque muito bem aparado desde então. Vestia jeans e uma camisa de algodão cor de marfim, que juntamente com os olhos cinza-prateado contrastavam com a pele em tom de caramelo, perfeita. Mario não era

o primeiro a se referir a ele como o demônio. Os homens diziam isso com inveja amarga. As mulheres, com luxúria cobiçosa.

Seu tamanho e aura inegável de força física sempre a excitaram, mas Lucien também intimidava. Sua voz calma e discreta; os modos contidos e confiantes; e os sorrisos charmosos contradiziam o poder em alvoroço dentro dele. Havia algo sombrio nele que não combinava com o sorriso brilhante e branco e a postura tranquila com os quais tinha encantado a camada superior do mundo social e os influentes clientes de seus hotéis e restaurantes.

Ela não tinha dúvida de que Lucien podia ser perigoso quando quisesse. Ela também sabia que ele nunca tinha de fato a prejudicado — não o jovem rapaz que um dia tinha demonstrado bondade e a protegido.

Mas isso não tornava a ameaça dele menos intimidadora.

“Bom”, ele começou calmamente, aproximando-se e colocando a mão sobre o corrimão do bar. De repente, ela se sentiu encurralada. “Quando você vai embora de Chicago?”

“Não vou. Tenho planos de morar aqui.”

“O quê?”

“É isso mesmo. Chicago é meu novo lar”, ela disse com confiança suprema, embora não fosse o que sentisse. Elise não era nada menos do que uma ótima atriz, e sua desenvoltura espirituosa era seu melhor papel.

Infelizmente, seu pai tinha desdenhado seus planos de se tornar uma chef e se mudar para Chicago, recusando-se a financiar a nova carreira. Ela não poderia ter acesso ao seu fundo fiduciário até completar vinte e cinco anos. Seis meses nunca pareceram tão distantes. O pé-de-meia que juntara depois de quase um ano como garçoneiro em Paris nunca pareceu tão pateticamente pequeno.

“Por que você viria para Chicago? Não combina com você”, ele disse, olhando de cima para baixo para o vestido de festa dela, o que a deixou enfurecida.

“Você não sabe mesmo, sabe?”

“Sabe o quê?”

“Minha escola de culinária em Paris me juntou a Mario Vincente, para ser sua aprendiz. Estou fazendo um estágio com ele, Lucien”, ela

explicou, referindo-se ao processo pelo qual um chef recém-formado passava pela batuta de um chef estabelecido. Ela estudou a expressão firme dele com ansiedade. “Tenho um contrato”, ela acrescentou defensivamente quando ele lhe pareceu indiferente à confissão. “Você não pode se livrar de mim.”

“Você está louca”, ele disse, desdenhoso, e recolheu os copos de *brandy* do balcão ao ir embora. O pânico amplificou-se no peito dela. Ela detestava a visão das costas de Lucien.

“Terminei meu curso no La Cuisine, em Paris. Falta apenas o estágio com um master chef — o master chef que acabou de demitir!”

Ele se virou, sorrindo. O coração dela se avolumou, parecendo pressionar contra sua caixa torácica. *Merde*. Os sorrisos de Lucien — os dentes brancos, as covinhas, os lábios firmes e bem desenhados. Se o demônio existisse, ele definitivamente tomaria a forma de Lucien para que semeasse o máximo possível de pecado no mundo. Nunca tinha visto alguém tão bonito na vida e, infelizmente, já tinha visto mais do que sua cota de homens deveria permitir.

“Você não está falando sério, está?”

“Estou”, ela respondeu com as costas tensas. Ficou ofendida com o tom condescendente.

Ele riu. O estômago dela ficou oco ao ouvir aquela risada frente às suas aspirações. *Ela* se sentiu oca.

“Então, você vai ser chef esta semana.”

“Vou ser chef para o resto da vida.”

Ele balançou a cabeça, o sorriso desaparecendo. “Este é o mais novo item de sua lista maluca de planos. Já tentou ser piloto de corrida, *sommelier* e fotógrafa.”

“Eu cresci. Dei um jeito na vida. Quero que ela tenha... *substância*. Estou tentando fazer uma carreira.”

“Por que uma herdeira precisa de carreira?”, ele perguntou. Possuía uma voz decadentemente sexy. Dizia-se à boca pequena que, com frequência, as mulheres eram seduzidas apenas por ela, esquecendo-se do resto do pacote. Não que alguém pudesse esquecer o mínimo detalhe de Lucien. Elise sabia que pelo menos ela não tinha esquecido. Observou-o indo para trás do bar.

“Por que um herdeiro precisa trabalhar?”, ela retrucou. “Você sempre trabalhou, primeiro nos hotéis de seu pai, depois nos seus próprios hotéis e restaurantes. Você devia ser a última pessoa a me questionar.”

Ele voltou o olhar para ela, sério dessa vez. Os pulmões dela não conseguiam se movimentar sob aquele olhar. Encheu-se de dor — vergonha a respeito de seu antigo comportamento selvagem e atitude cícnica perante a vida, lançando o medo de que seus planos para o futuro fossem vazios, de que ela realmente não tivesse o necessário para ser uma adulta ativa, que pudesse dar e receber e tornar o mundo um lugar um pouco melhor. Ela nunca possuiu exemplos de comportamento assim. Temia que isso diminuísse muito suas chances de sucesso.

Foi o olhar de Lucien que a fez sentir completamente os seus defeitos. Ele via muito com aqueles olhos de raios X. Sempre vira.

Ele imediatamente notara a insensatez dela quando se conheceram na propriedade dos pais dele em Nice. Elise era uma coisinha selvagem e teimosa, desesperada pela atenção dos pais ocupados, pela atenção dos empregados, dos convidados... *de qualquer um*. Lucien era um rapaz indiferente e evasivo, com vinte e um anos naquele verão, enquanto ela só tinha catorze. Desde o começo, ele notara a carência dela, embora ela mesma não tivesse essa percepção à época. Ele tinha ficado amigo dela, para agradá-la. Ela sempre fora um filhotinho rejeitado e patético, reverenciando qualquer resto de atenção que ele jogasse. Meses dourados na costa do Mediterrâneo, tinha sido o melhor verão da juventude dela.

Da vida dela.

Só percebera anos depois que os pais de ambos imploraram a Lucien que fizesse essa amizade. Muito provavelmente, ele tinha sido bem pago para passar um tempo com ela, cavalgando, nadando e navegando durante aquele verão inesquecível. Pensar isso lhe provocava fúria e vergonha até hoje.

“Você tem que entender que essa é uma situação inesperada — para não dizer ridícula —, Elise”, ele disse, o tom mais suave do que antes. Ela ficou tensa ao suspeitar que poderia ser pena. “Você não pode trabalhar no Fusion.”

“Já disse: tenho contrato.”

“Você tem um contrato com Mario, não com o Fusion, nem comigo. Entendo que master chefs recebam estagiários. Permito que resolvam isso como bem entender, respeitando um talento que não possuo. Você, no entanto, não é funcionária do Fusion, e como pôde presenciar”, disse ao secar o copo que tinha lavado, “Mario não trabalha mais aqui.”

Ela ficou parada, tomada pelo pânico, os pensamentos a mil por hora. Seus planos tinham falhado tão rapidamente? Eram assim tão frágeis? Ela era? Seria forçada a voltar para sua existência estéril em Paris, mais uma vez uma boba derrotada?

Não. Isso *não* aconteceria.

“Por que você mudou seu nome?” A pergunta aleatória de repente surgiu em sua garganta, estava frenética.

Por um instante, ele não falou, apenas terminou de secar o copo e o pendurar junto com outros, deixando Elise com seus pensamentos. Sem pressa, caminhou ao redor do bar. Aproximou-se dela, chegou perto. Mais perto do que ela esperara. O odor picante do perfume dele entrou em seu nariz.

“Na verdade, eu tinha mudado de nome no nosso último encontro em Paris. Pelo jeito, você *proveitou* muito aquela noite. Não se lembra de uma série de coisas.”

Ela ficou em silêncio, de repente ficou desconfiada. Algo a respeito daquela referência ao encontro deles no Renygart e a sugestão sutil de que ela poderia estar *errada* a respeito daquelas lembranças disparou um sinal de alerta em seu cérebro.

Naquela noite de sábado, dois anos antes, ela tinha deixado seus amigos e fora procurar Lucien sozinha, nervosa, mas ávida por reconectar-se com a paixonite de infância, como mulher. Sim, ficara sabendo que ele estava em Paris por uns dias, mas os desejos insistentes de seus pais sobre Lucien tinham lhe deixado arisca a respeito de uma aproximação. Sentiria vergonha caso ele pensasse que ela apenas dava voz às vontades dos pais, como uma espécie de socialite robô, inclinada para o casamento com um dos melhores pretendentes do país.

Batera de leve na única porta do corredor, demorando um pouco,

após não obter resposta, para perceber que a porta apenas levava a um corredor mais curto — uma espécie de entrada, que levava à verdadeira porta do escritório de Lucien. A porta externa estava fechada, mas, ao passar por ela, vira que a interna tinha uma fresta de dois dedos. Parada naquela espécie de antessala, acidentalmente ouviu a intrigante conversa entre Lucien e um estrangeiro de sotaque alemão.

“Vou precisar de informações secretas de primeira sobre Noble: seu passado, sua família, suas finanças.”

“Não vai ser fácil. Ian Noble é conhecido por ser neurótico por segurança.”

“Por isso contratei você”, Lucien respondera, soando preocupado. “Supostamente, é o melhor.”

Houvera um grunhido compreensivo seguido por uma pausa.

“Que expressão é essa no seu rosto?”, o homem alemão perguntara, soando levemente bem-humorado. *“Você não está se sentindo culpado, está? Sobre o que você planeja fazer com Noble?”*

“Subterfúgio não é nada bonito, não importa como tente disfarçar. Pecados do pai me assombrando, suponho”, Lucien dissera em voz baixa, ironicamente. “Carregamos esses fantasmas conosco, não importa o quê.”

O homem dera uma risada dura. *“Esqueça tudo isso e foque no prêmio. Confie em mim. O que você está planejando com Noble não se compara aos crimes cometidos por seu pai.”*

“Me lembro daquela noite, Lucien. De tudo”, disse Elise, hesitante ao trazer o assunto volátil para aquela situação delicada. A expressão dele permanecia impassível, mas algo havia relampejado em seus olhos. Ela engoliu em seco. “Mas não me lembro de ter ouvido nada sobre mudança de nome.”

“Acho que você sabe por que eu mudei meu nome e saí da França.” A voz baixa dele rolou sobre ela como uma onda sensual.

“Você não devia deixar os crimes de seu pai mancharem você. Você é um homem independente”, ela sussurrou, referindo-se ao fato de que o pai adotivo dele, Adrien Sauvage — industrial rico, dono de uma cadeia de hotéis e chefe de um império midiático — tinha sido preso dois anos e meio antes por espionagem corporativa. Ela sabia que Lucien tinha sido questionado pela polícia sobre a possibilidade de ele estar em conluio com o pai no roubo de segredos corporativos

de alto nível. Elise nunca acreditou nem por um segundo que ele pudesse ser culpado. Conhecia como ninguém o desdém discreto e contido de Lucien por Adrien Sauvage. No fim, Lucien nunca foi acusado de nada, mas a nódoa ainda estava lá.

“Eu não permito que os crimes dele me afetem. Tenho muita consciência de que não sou ele.”

A voz dele ficara mais baixa e rouca conforme seus olhos analisaram o rosto dela. Ela ficou quieta, e os pelos de sua nuca arrepiaram-se de antecipação. Ele esticou o braço e tocou seu cabelo. Ela tremeu sob a sensação de seus dedos deslizando e gentilmente arrumando uma mecha atrás da orelha. O corpo dela estremeceu, formigando de excitação. Era estranho estar tão consciente de um homem. Desde o momento em que tinha decidido se dedicar à carreira de culinária e estava se sustentando, não tinha se permitido aproximar-se romanticamente de muitos homens — muito menos um tão atraente quanto Lucien. Mas, verdade seja dita, ela *nunca* tinha deixado um homem se aproximar demais. Apaixonou-se loucamente por Lucien quando menina, claro, mesmo sem ele saber que ela existia. Mas isso era diferente. Era adulta agora, com muito mais consciência do que queria para a vida.

“Achava que não gostaria de seu cabelo curto”, ele murmurou distraidamente, o hálito quente atingindo a têmpora dela. “Mas combina perfeitamente. Uma ousadia elegante.”

“Lucien —”, ela começou, sem fôlego, quando viu o calor nos olhos dele ao acariciá-la outra vez. Ele a interrompeu dando um passo para trás.

“Ajudo você a se mudar de volta para a casa de seus pais em Paris, se quiser. Tem dinheiro? Precisa?”

“Não. Estou perfeitamente bem”, ela murmurou, abalada pela mudança brusca de assunto e pela ausência do toque.

“Você não pode ficar em Chicago”, ele disse tão resolutamente que ela piscou de surpresa.

“Quem é você para dizer que não posso morar aqui? Comprou a cidade ou coisa do tipo?”, ela disparou, forçando-se a ignorar o início de uma sensação deliciosa entre suas pernas, efeito direto do toque

dele... da proximidade. Sua ansiedade aumentou sob aquela expressão cômica e indiferente. “Você precisa de um chef! Posso substituir o Mario até que encontre outra pessoa.”

“Não. Fora de questão. Sinto muito.”

A raiva lhe acometeu, tencionando e endireitando sua espinha. Como ele podia soar tão decidido? Ela era tão repelente assim? “Não vou deixar você arruinar tudo que planejei.”

“Não vou deixar você fazer o mesmo comigo.”

“Quê?”, ela perguntou, desequilibrada pela resposta à queimadura. “Como *eu* posso arruinar qualquer coisa sua?”

Ele se encostou no bar, exibindo os músculos magros e trabalhados dando o efeito ideal. “Aquela noite no Renygat? No meu escritório?”, ele disse significativamente.

Ela enrubesceu. Naquela noite, depois, a sós, ela tinha confrontado Lucien sobre o que ouvira. Ele tinha ficado furioso com a indiscrição. A discussão esquentara e a tensão seguiu para um tom mais sexual. Ela tinha quebrado, momentaneamente, a contenção rígida dele naquela noite. Ele a beijara com raiva e com total consciência do fato de que a menina que conhecera tinha se tornado, de fato, uma mulher. Ela sabia que tinha ido longe demais com suas provocações assanhadas. Só não percebia o quão amedrontador Lucien poderia ser ao perder o controle...

Quão sensacional.

Notou Lucien fitando-a com olhos estreitos.

“Claro que lembro”, ela disse. Subitamente, teve dificuldade em devolver o olhar. “Não vejo como isso se relaciona à possibilidade de eu arruinar algo para você.”

“Já tenho distrações o suficiente na minha vida no momento. Não preciso de você também fazendo isso.” A pulsação dela acelerou. Ele estava sugerindo que se sentia atraído por ela? Ou estava se referindo à conversa que ela ouvira e sobre a qual não entendera nada? Elise não era capaz de decidir se devia se sentir lisonjeada ou ofendida pela declaração.

“Não vou distrair você. Vim a Chicago por uma razão e somente por esta razão: fazer o estágio que preciso para me tornar uma excelente chef. Sou muito boa no que faço.”

“Não duvido disso. Mas está esquecendo uma coisa: não há mais um chef aqui para treinar você, *ma fille*.”

“Não tem problema. Encontro outro chef nesta cidade. Vim para cá para começar uma nova vida, um novo começo, e não vou deixar ninguém — nem mesmo você, Lucien — me tirar dos trilhos. E não sou sua garotinha”, ela acrescentou ferozmente, referindo-se ao termo carinhoso em francês com o qual ele lhe chamava quando criança.

As narinas de Lucien abriram-se levemente quando ele se empurrou para fora do bar com um movimento gracioso e sinuoso. O coração dela começou a pulsar em seus ouvidos quando ele pegou o lenço de seda que ela tinha deixado sobre uma banquetta mais cedo. Ele ia mandá-la ir embora. *Outra vez*. Elise permaneceu congelada no lugar quando ele lhe entregou o acessório, com um desafio em seus olhos cor de cinza.

“Você é uma criança. Linda e teimosa, porém, uma criança”, ele disse. “Hora de ir embora, Elise.”

A fúria a atravessou como um raio. “Seu desgraçado”, ela sibilou. Agarrou o lenço das mãos dele. “Eu devia saber que você nunca me ajudaria. É egoísta e narcisista como seu pai... como *qualquer um* dos seus queridos e amados pais.”

Ele agarrou o braço dela com seu punho de aço quando ela passou rapidamente ao seu lado na direção da porta. “Não sou como meu pai”, ele disse entre os dentes. Elise paralisou frente à evidência de sua raiva súbita e poderosa, mas se esforçou para continuar. Puxou o braço, mas sua reação era apenas para impressionar. O aperto de Lucien disparou uma reação completamente diferente do de Mario.

“Me solta”, ela disse, trêmula, mas não convincente, nem mesmo para seus próprios ouvidos.

“Você deveria ficar feliz por eu te deixar ir e se preocupar com o dia em que não deixarei isso acontecer.”

Ela levantou o queixo, orgulho e raiva e dor lutavam em sua consciência. “Não tenho medo de você.”

Ele a puxou mais para perto, de forma que o corpo dela roçou contra a dureza e a extensão atrás da braguilha. Ele a chamuscou com aquele olhar quase sobrenatural. Ela esperou segurando a ansiedade e

com a respiração queimando em seus pulmões quando ele abaixou a cabeça, deixando suas bocas a poucos centímetros de distância.

“Você sempre me testou. Sempre será a menina de quem me lembro, tolamente brincando com fogo. É melhor sair daqui. Você vem implorando para ser disciplinada, desde menina, e não tem ideia de quanto eu adoraria dar o que você tanto merece... o que *necessita*.”

Ele notou a expressão dela, chocada e com olhos arregalados, e sorriu sombriamente. “Não está tão segura de si agora, está?”, ele perguntou, a voz baixa, ronronando uma ameaça. “O que me diz? Quer ficar comigo e receber o que precisa, *ma chère*?”

Algo na voz grave e áspera fez os pelos dela se arrepiarem de excitação e a adrenalina correr em suas veias. Mas ficou confusa. Odiando a ideia de mostrar vulnerabilidade na frente de um homem como Lucien, voltou-se para trás da armadura frágil do orgulho.

“Eu disse para me soltar”, ela repetiu.

Quando ele soltou, ela cambaleou alguns passos sobre o salto, não por ter sido empurrada, de modo algum — na verdade, ele tinha sido bastante gentil —, mas porque sua mente girava. Quando Lucien a atacou, algo aconteceu dentro dela. Suas palavras. Era como se uma porta selada tivesse sido escancarada. E o que ela viu nas profundezas de seu ser tinham-na excitado e assombrado em igual medida.

Disciplina. Necessidade.

O coração dela bateu mais forte ao pensar no que Lucien tinha dito em seu tom grave, maleável. Seguiu na direção da porta. Por conta do hábito, lançou um olhar rebelde sobre o ombro.

Fugiu ao se deparar com aquilo, um macho nervoso e excitado. Torcia para que Lucien não tivesse notado o quão rápido passou pela porta, sentindo como se de fato o diabo estivesse no seu encalço.